

SANTA HELENA

Estando eu à minha porta — dobrando seda lavrada,  
Passou ali um cavalheiro, — a meu pai pediu pousada,  
E eu, *dês que* vi que lha dava, — muito mal me contentava.  
Lá pelo meio da noite — o cavalheiro pediu água.  
De sete irmãs que nós éramos — só eu me levantei a dá-la.  
Agarrou-me pela mão, — no cavalo me montara :  
*Andivemos* sete léguas — sem me dar uma só fala ;  
Ao cabo das sete léguas — o cavalheiro me *procurava* :  
— Lá em casa de teu pai — como era que te chamava ?  
— Lá em casa de meu pai — era Helena bem 'stimada ;  
Agora na tua mão — sou Helena desgraçada.  
— Lá em casa de teu pai — como era que te tratava ?  
— Em casa de meu pai — comia galinha assada ;  
Agora na tua terra — como sardinha salgada.  
Puxou por o alfange, — logo ali a matara.  
Ao cabo de sete anos, — cavaleiro ali voltara.  
Andava ali um pastor — guardando sua ovelhada.  
Cavalheiro *prècurou*, — cavalheiro *prècurava* :  
— De quem é aquela capela, — de quem é aquela *oraga* ?  
— É a capela de Santa Helena, — que um cavalheiro a matara.  
Desceu-se do seu cavalo, — foi a ver s'ó perdoava :  
— Perdoa-me, Santa Helena, — dos meus amores primeiro.  
— Como t'hei-de perdoar, — sendo tu um carnicheiro  
Que me mataste no monte — como o lobo ao carneiro ?  
Agora vais para o Inferno — a servir de candeeiro.

(Serapicos de Angueira, c. de Vimioso, Setembro de 1902.)